

## **História e Cidade: uma experiência da construção do conhecimento histórico a partir da Educação Patrimonial em Pedro Osório, RS**

Tatiana Carrilho Pastorini Torres<sup>1</sup>, UFPel

### **Resumo**

O presente texto relata uma experiência de ensino de História por meio do projeto denominado “Memórias do Olimpo”. Esse projeto foi uma proposta de ensino desenvolvida no Colégio Estadual Getúlio Vargas, na cidade de Pedro Osório, com a finalidade de ampliar as possibilidades de aprendizado, construção e reflexão do conhecimento histórico. Para tanto, a proposição do trabalho envolveu a escolha de roteiros a serem percorridos em conjunto com os alunos, a fim de se propiciar um olhar diferenciado sobre o município, outrora denominado Olimpo. Nessa perspectiva, o ensino de História adota a própria cidade como recurso a partir da prática de Educação Patrimonial, metodologia baseada na interação com o bem cultural, que facilita a compreensão da história local e sua relação com os temas históricos mais amplos.

**Palavras-chave:** História; Cidade; Educação Patrimonial.

### **Abstract**

The present text relates an experience of teaching History through the project called "Memories of Olympus". This project was a teaching proposal developed at Getúlio Vargas State College, in Pedro Osório city, in order to expand the possibilities for learning, construction of and reflection on historical knowledge. In order to do so, the proposal of the work involved the choice of itineraries to be traveled together with the students, in order to provide a differentiated view of the municipality, formerly called Olimpo. Through this perspective, the teaching of History adopts the city itself as a resource based on the practice of Patrimonial Education, a methodology based on interaction with the cultural good, that facilitates the understanding of local history and its relation with the broader historical themes.

**Keywords:** History; City; Heritage Education.

### **Introdução**

O ensino de História ainda enfrenta muitos desafios e limitações no atual cotidiano brasileiro. A difusão de conhecimento desconexo da realidade do aluno e a visão de uma “história pronta”, que precisa apenas ser decorada são aspectos presentes em boa parte das escolas brasileiras da Rede Básica de Ensino. Desse modo, limita-se o espaço para a aprendizagem, criticidade e identificação dos alunos nos processos históricos e, por conseguinte, consolida-se a visão ultrapassada de que aprender História não serve para nada. Dessa maneira, com base nestas constatações, pensou-se na formulação de uma proposta que proporcionasse aos alunos da Rede Básica de Ensino de Pedro Osório (RS), uma oportunidade de desenvolvimento de suas potencialidades como sujeitos da aprendizagem e da História.

---

<sup>1</sup> Licenciada e mestra em História pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). [tatypastorini@yahoo.com.br](mailto:tatypastorini@yahoo.com.br)

Sendo assim, desenvolveu-se no Colégio Estadual Getúlio Vargas o projeto denominado “Memórias do Olimpo”, desenvolvido ao longo do ano letivo de 2016, com a finalidade de ampliar as possibilidades de aprendizado, construção e reflexão do conhecimento histórico. Nessa perspectiva, o ensino de História adota a própria cidade como recurso a partir da prática de Educação Patrimonial, metodologia baseada na interação com o bem cultural, que facilita a compreensão da história local e sua relação com os temas históricos mais amplos. Dessa forma, buscou-se uma visão que vai além de prédios, ruas e demais limitações do espaço urbano, ou seja, uma leitura da cidade como produto histórico-social delineado pela vivência, na qual se constitui a memória e o patrimônio.

A cidade é o espaço onde se registra uma ampla troca de interesses, conhecimentos e práticas socioculturais. Ela é um produto histórico definido pelas atitudes e formas de vida próprias de uma localidade, oriunda da distribuição peculiar de indivíduos em um espaço (MEDEIROS, 2006, p. 29). De acordo com Ana Carlos (2007, p. 20), ao fazer uma leitura geográfica sobre a cidade, deve-se ter a “ideia de cidade como construção humana, produto histórico-social”, não apenas construções e delimitações do espaço urbano; pensar o urbano implica uma abrangência de todas as dimensões da reprodução da vida, espaço articulado entre o local e o mundial. Por outro lado, pensar a cidade significa refletir sobre “o plano do lugar revelando o vivido e a vida cotidiana através dos espaços-tempo” (CARLOS, 2007, p. 12), portanto a cidade representa a:

Expressão e significação da vida humana, a cidade a revela ao longo da história, como obra e produto que se efetiva como realidade espacial concreta em um movimento cumulativo, incorporando ações passadas ao mesmo tempo em que aponta as possibilidades futuras que se tecem no presente da vida cotidiana. Assim, o sentido e a finalidade da cidade (enquanto construção histórica) diz respeito à produção do homem e à realização da vida humana, de modo que, se a construção da problemática urbana se realiza no plano teórico, a produção da cidade e do urbano se coloca no plano da prática sócio-espacial, evidenciando a vida na cidade (CARLOS, 2007, p. 20).

A partir das palavras da autora, percebe-se a relevância da cidade na construção histórica, uma vez que sua organização espacial e temporal reflete as práticas cotidianas de seus cidadãos. Logo, a cidade pode ser apropriada, no sentido de tomar o que antes se achava não ser direito, para o ensino de História; pois, por si mesma, ela já possui uma “escrita” histórica impressa em suas estruturas materiais e imateriais que precisa ser “lida” e “questionada”, a partir da significação do olhar. Nesse sentido, a utilização da cidade como recurso didático, por meio da Educação Patrimonial, corrobora para a construção de um conhecimento histórico crítico e reflexivo que foge da rotina da sala de aula.

### O projeto “Memórias do Olimpo”

O projeto “Memórias do Olimpo” foi desenvolvido com alunos de duas turmas de segundo ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Getúlio Vargas, no município de Pedro Osório, RS. Esse pequeno município gaúcho, outrora denominado Olimpo, se constituiu às margens do Rio Piratini. Uma terra que já inspirou música, poesia e fascinação aos seus visitantes; saudosistas de uma época perdida no tempo e registrada, não apenas na memória, mas também nas ruas da cidade.

A ocupação dessa região está vinculada ao Forte São Gonçalo, ponto de estratégia militar voltado para a posse portuguesa do território meridional brasileiro e, posteriormente, à Estância São Francisco do Paraíso. Na segunda metade do século XIX, a expansão ferroviária foi uma das principais alavancas para o desenvolvimento da localidade. Para Pedro Caldas (1990, p. 42), a construção da estrada de ferro Rio Grande-Bagé, no final do século XIX, foi fundamental para o surgimento do município, visto que incrementou ainda mais a aglomeração humana no local. Já, para Dias (1986, p. 33), a implantação dessa linha férrea fez parte do estímulo das atividades econômicas da região.

Devido à proximidade com o Rio Piratini, o município foi periodicamente desestruturado por suas cheias. Os registros de grandes inundações, intercaladas por pequenas cheias, fazem referência aos anos de 1914, 1941, 1959, 1983 e 1992. No entanto, as três últimas deixaram marcas profundas na estruturação da cidade, de tal forma, que o local não mais se recuperou totalmente do ponto de vista econômico. Além disso, percebe-se a reprodução do discurso de que não há nada para ser visto em Pedro Osório, um lugar pequeno, sem graça, feio, vazio e sem mudanças; uma cidade destruída com muitas casas velhas quebradas e que nem tinha “cara de cidade”<sup>2</sup>. Nesse contexto, procurou-se organizar um trabalho voltado à (re)educação do olhar e ao despertar do pertencimento histórico<sup>3</sup>, assim como propiciar a construção do conhecimento a partir da inserção do aluno como agente histórico.

Para tanto, utilizou-se a Educação Patrimonial, uma metodologia voltada para o processo sistemático de trabalho educativo, que tem por partida e centro o patrimônio cultural com todas as suas manifestações (GRUNBERG, 2007, p. 5). Essa metodologia tem se transformado diante de novas possibilidades para a construção de práticas pedagógicas, a partir

---

<sup>2</sup> Depoimentos dos alunos.

<sup>3</sup> Pertencimento histórico é a apropriação dos bens culturais pela comunidade, com a finalidade de “retomar emoções, costumes, modos de viver e formas de entender o mundo que se entrelaçam às reminiscências do tempo pretérito e corroboram para a construção das identidades e coletivas no presente” (PELEGRINI, 2009, p.35).

da troca de conhecimentos gerais e específicos entre a comunidade e ambientes de ensino/aprendizagem. Entretanto, enfatiza-se que essas práticas pedagógicas devem orientar “os estudantes e os educadores a identificar ‘signos’ e os significados atribuídos aos bens materiais e imateriais por uma determinada comunidade” (SCHIAVON; SANTOS, 2013, p. 63), com o objetivo de se refletir sobre o que tem sido constituído como memória e patrimônio, bem como alargar as convicções acerca do Patrimônio Cultural como uma invenção e construção social (PRATS, 1998, p.63). Para Bittencourt:

O conceito mais abrangente de patrimônio cultural abre perspectivas de adoção de políticas de preservação patrimonial. O compromisso do setor educacional articula-se a uma educação patrimonial (...) Educação que não visa apenas evocar fatos históricos notáveis, de consagração de determinados valores de setores sociais privilegiados, mas também concorrer para a rememoração e preservação daquilo que tem significado para as diversas comunidades (BITTENCOURT, 2009, p. 278).

Bittencourt demonstra preocupação com o cuidado que se deve ter ao trabalhar com a Educação Patrimonial e, por isso, os profissionais precisam definir suas estratégias de abordagem sobre a temática. Neste sentido, Hilda Fraga (2010, p. 227) salienta que, ao propor uma atividade com o patrimônio cultural, o professor de História precisa enfatizar cada um dos pressupostos metodológicos no planejamento de suas atividades e nas intencionalidades específicas dessa área do conhecimento. Definir as etapas dessa metodologia, com o objetivo de tornar o ensino de História questionador, crítico e reflexivo. Sendo que, em cada uma delas, deve-se levar o aluno a desenvolver competências no nível do conhecimento e da cidadania (FRAGA, 2010, p. 227). Em função disso, esclarece-se que a prática da metodologia, neste estudo abordada, foi estruturada nas seguintes etapas: identificação, registro e valorização do bem cultural.

A identificação do bem cultural consiste na observação que leva à capacidade de percepção, aspecto “essencial durante o aprendizado para o desenvolvimento do processo de pensamento e maturação da criança” (GRUNBERG, 2000, p. 165), o instante em que de fato se olha o que antes passava despercebido. Nesse momento, também é feita a análise que identifica a estrutura, que pode ser de “materiais, dimensões, formas, elementos, cores, texturas, organização, usos, funções, valores, relações, espaços, movimentos” (GRUNBERG, 2000, p. 167). O processo de comparação e questionamentos são momentos indispensáveis ao processo crítico-reflexivo no aprendizado do estudante. Com o intuito de contemplar essa etapa, após uma breve introdução dos conceitos de memória, história, identidade e patrimônio, organizou-se percursos patrimoniais de formas distintas entre duas turmas do Ensino Médio. O segundo

ano A teve autonomia para se dividir em grupos, escolher e realizar seus roteiros pela cidade. Já o segundo ano B percorreu um único caminho escolhido em conjunto pela turma e sob orientação direta. Essa sistemática teve por objetivo possibilitar e analisar diferentes percepções dos alunos em relação aos bens culturais de Pedro Osório, diante da diversidade social abrangida pelo Colégio Estadual Getúlio Vargas. Salientando-se que essa é a única escola de Ensino Médio de Pedro Osório e, por isso, recebe alunos oriundos de realidades sociais múltiplas.

Os alunos da turma 2A se dividiram em sete grupos com cinco componentes e realizaram seus percursos por conta própria, dentre os quais, três grupos escolheram o Complexo Ferroviário para registrar. Já, o quarto grupo, fez o roteiro do Casarão da Estância Paraíso, uma construção de 1833, que chama atenção por sua opulência e seus “casos” de assombrações. O quinto grupo fez um trajeto que, de acordo com os integrantes, teve por objetivo mostrar algumas construções antigas de Pedro Osório. A caminhada teve início na rua Orosma Rocha e seguiu pela rua das Flores, rua Herculano de Freitas e rua Presidente Vargas. O sexto grupo optou por registrar as duas praças da cidade, a Praça dos Ferroviários e a Praça Antônio Sante Alam. E, por fim, o sétimo grupo escolheu o roteiro de casa até a escola, pois queriam observar com mais calma o caminho que faziam todos os dias pelas ruas de pedras irregulares.

O percurso desenvolvido com a turma 2B foi direcionado ao Complexo Ferroviário e seu entorno, escolhido em conjunto pelos alunos, a partir da imagem do trem, que ocupa relevante espaço na representação cotidiana da cidade. Na ocasião, visitou-se a estação férrea e atual sede da administração municipal; os alojamentos e algumas casas ao redor, que chamam a atenção por suas características arquitetônicas; a Dorbrás, que fabricava os dormentes da linha férrea; as casas de trabalhadores ferroviários; os prédios em ruínas da cooperativa dos empregados da VFRGS<sup>4</sup> e da “farmácia” da mesma cooperativa. Além disso, percorreu-se um trecho da linha férrea até a estação nova que se encontra em ruínas.

Figuras 1 e 2 - Percurso da turma 2B.

---

<sup>4</sup> Viação Férrea do Rio Grande do Sul.



Fonte: Registros da autora (2016).

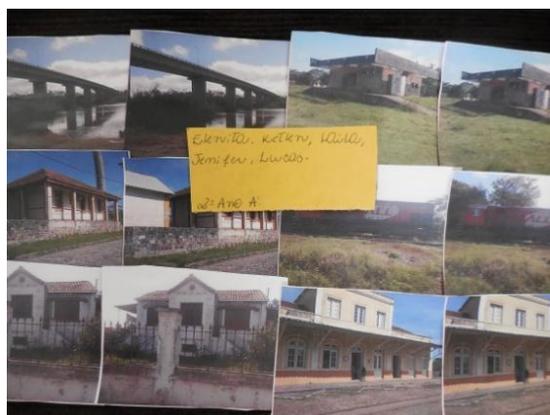
No que se refere à segunda etapa, na qual se faz o registro por meio de desenhos, fotografias, relatos escritos e gravados, maquetes ou filmes (GRUNBERG, 2000, p.167), cada grupo ou aluno teve liberdade para escolher sua forma de guardar suas percepções. Posteriormente, realizou-se a interpretação, sistematização, transcrição das ideias e relações contidas no bem cultural no tempo presente (FRAGA, 2010, p. 228). Foram realizados os apontamentos das informações materiais e simbólicas, históricas e culturais a respeito do objeto de estudo. No entanto, as duas formas de registros mais utilizadas foram a fotografia e o vídeo, não só pela facilidade de se portar os equipamentos, mas também porque o uso da fotografia permite ao aluno desenvolver uma poética visual e oferece ao observador uma gama de possibilidades, enquadramento e infinitas leituras.

A terceira etapa do trabalho, a valorização do bem cultural, o momento da socialização, comunicação e divulgação das percepções estudadas (FRAGA, 2010, p. 228), também foi concluída de forma diversa entre as duas turmas, a fim de testar e analisar os resultados de acordo com os perfis das turmas. Para Evelina Grunberg (2000, p. 168), esse é o retorno ou devolução do conhecimento constituído ao longo do processo de Educação Patrimonial e pode

ser expresso por diversas proposições: atividades de exposição; vivenciamento de situações; dramatizações; elaboração de textos, livros, murais, jornais, história em quadrinhos, poesias, vídeos, filmes, desenhos; atividades de recreação e lazer.

O segundo ano A, turma composta por alunos que concluíram o fundamental em duas escolas municipais e uma particular, confeccionaram de forma artesanal materiais didáticos, quebra-cabeça e jogo da memória, com o objetivo de valorizar o bem cultural e propiciar uma possibilidade de aprendizado às crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental, que costumam abordar mais diretamente a história do município. Inicialmente, a proposta envolvia uma experiência direta de aplicação das atividades em sala de aula com os pequenos, mas o ano letivo foi conturbado por atividades de greve e ocupação da escola. Após os percursos realizados por eles, elegeram alguns lugares com certa relevância histórica, de acordo com a percepção do grupo, e produziram o material em casa. Esse trabalho foi um processo desenvolvido em etapas, discutido e concluído ao longo do ano letivo. Abaixo podemos ver um quebra-cabeça com a imagem do Casarão da Sede Nova da Estância Paraíso, datado de 1833 e um jogo da memória que representa a ponte do Rio Piratini, a Estação Férrea e as construções do seu entorno.

Figuras 3 e 4 - Produção de material.



Fonte: Registro da autora (2016).

O segundo ano B, turma formada por alunos que concluíram o Ensino Fundamental no próprio Colégio Estadual Getúlio Vargas, produziu vídeos que foram apresentados na Mostra Pedagógica, atividade que costuma ser realizada no mês de novembro, cujo objetivo é compartilhar experiências de ensino e aprendizagem com as comunidades escolares de Pedro Osório e Cerrito. Os vídeos foram divididos em três temáticas: o registro do percurso; o complexo ferroviário e o olhar poético sobre a cidade. Além disso, a partir dessa atividade, um grupo fez seu projeto de Seminário Integrado<sup>5</sup> baseado nas pichações e grafites registrados ao longo do trajeto, com destaque das intervenções urbanas realizadas pelo artista pelotense Felipe Povo, falecido em fevereiro de 2019. Nas imagens a seguir, temos o registro de uma cena dos bastidores da gravação feita pelos alunos e o momento da visita às ruínas do prédio da antiga farmácia da Associação dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul.

Figuras 5 e 6 - Bastidores.



---

<sup>5</sup> Disciplina do Ensino Médio Politécnico que era destinada ao aprendizado de técnicas e experiência de pesquisa. No ano de 2016, essa turma ficou sob minha orientação no Seminário Integrado.



Registros dos alunos do 2B e da autora (2016).

Portanto, por meio da metodologia de Educação Patrimonial utilizada no projeto, possibilitou-se meios de “fazer o aluno sentir a História como algo próximo dele”, a fim de fazê-lo “interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer” (PINSKY; PINSKY, 2010, p. 28). Afinal, o conjunto dos bens culturais reúne elementos da história local, que podem ser utilizados com a finalidade de “suscitar as reflexões dos estudantes em relação ao vivido e às relações socioambientais nas quais estão inseridos” (SCHIAVON, 2011, p. 47) e que, por isso, fazem parte do patrimônio cultural que os envolve. Além do mais, o percurso patrimonial, previamente elaborado em conjunto com os alunos, torna-se “um verdadeiro currículo de pedra, posto a criar conhecimentos, reconhecimentos ou, no mínimo, afinidades e identificações” (CERRI, 2008, p.2). No entanto, menciona-se ainda, que a motivação da proposta atendeu às necessidades dos alunos e foi adequada aos seus níveis de desenvolvimento intelectual e emocional, a fim de auxiliar na interpretação da realidade a partir de seu próprio mundo (GRUNBERG, 2000, p.166). Os percursos, os registros e produção de material pelos alunos proporcionaram uma experiência de construção do conhecimento histórico e socialização dessas “descobertas”.

Os alunos conheceram não apenas a história da cidade, mas também compreenderam a conexão entre os acontecimentos locais e mundiais. No percurso pela linha do trem ou pela rua Mauá, foi possível situar Pedro Osório no processo de expansão ferroviária no Brasil e no próprio contexto da Revolução Industrial. Os memoriais que acompanharam os trabalhos realizados, mostraram claramente esse aprendizado. Por outro lado, a sensibilização do olhar permitiu uma interpretação da história “escrita” pelas ruas e a preocupação com a preservação das informações contidas nos traçados visíveis e invisíveis da cidade. De acordo com a aluna Nathalia (2016), “o passado de Pedro Osório está nos olhos de quem está no presente e que precisa ser registrado, para que no futuro se valorize a cidade e sua história”. Nessas palavras,

percebe-se a ação do monumento sobre a memória afetiva que recorda o passado, “fazendo-o vibrar à maneira do presente” (CHOAY, 2014, p. 17).

### **Considerações finais**

Considera-se que a experiência de Educação Patrimonial surgiu como alternativa e dinamização no ensino de história por meio da educação do olhar. Além disso, propiciou uma oportunidade de construção e reflexão do conhecimento histórico em sua relação com a memória e o patrimônio. No que se refere aos resultados, pode-se dizer que são parciais, pois a valorização do bem cultural não foi aplicada aos alunos das séries iniciais, devido ao tempo necessário para trabalhar essa etapa.

Portanto, o projeto “Memórias do Olimpo”, trouxe aos alunos uma visão mais ampla da história. Os percursos permitiram uma oportunidade de análise das permanências e ausências nas construções consideradas relevantes ao fortalecimento dos vínculos identitários e patrimoniais dos pedro-osorienses. Em contrapartida, essa prática desenvolvida no Colégio Estadual Getúlio Vargas, mostrou a relevância desse pequeno município no contexto de inserção dos temas regionais, nacionais e gerais da História, ou seja, os alunos se sentiram agentes históricos. Esse projeto foi aplicado em 2017 em duas turmas de formandos do Ensino Fundamental, porém, com pequenas mudanças na metodologia, para atender a faixa etária dos alunos. Os percursos foram realizados durante o período de aula, sob orientação direta e a produção envolveu uma exposição dos lugares registrados por eles, com a descrição e contexto histórico. Já, no ano de 2019, a proposta foi desenvolvida com a turma 301, formandos do Ensino Médio, com nova adaptação de metodologia<sup>6</sup>.

Além disso, a escolha dessa sistemática está diretamente ligada à valorização da identidade individual e coletiva dos alunos envolvidos na pesquisa, respeitando-se à percepção de patrimônio cultural construída pelos mesmos. Nesse sentido, o patrimônio pode ser concebido como fonte para a História, cuja (re) leitura por meio das percepções evocadas pela memória, estabelece uma relação entre história, memória e patrimônio. A prática de Educação Patrimonial, desenvolvida ao longo do ano letivo de 2016 em Pedro Osório, possibilitou a identificação de lugares com certa relevância no processo de construção da memória local. Essa interação com a cidade despertou o pertencimento e a (re) construção da narrativa histórica, a partir da utilização das suas estruturas como vetores da memória e sua inserção no aprendizado mais geral da História.

---

<sup>6</sup> Essa experiência será relatada em outro momento.

## Referências

- BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- CALDAS, Pedro. **Pedro Osório, sim senhor!**: retrato de um município gaúcho. Pelotas: Satya, 1990.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CERRI, Luis Fernando. **Currículos de pedra patrimônio histórico e ensino de história: notas para a pesquisa e o ensino**. In: Anais do XI Encontro Regional da Associação Nacional de História – ANPUH/PR “Patrimônio Histórico no Século XXI”. Jacarezinho, 21 a 24 de maio de 2008.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2014.
- DIAS, José Roberto de Souza. **Caminhos de ferro do Rio Grande do Sul: uma contribuição ao estudo da formação histórica do sistema de transportes ferroviários no Brasil meridional**. São Paulo: editora Rios, 1986.
- FRAGA, Hilda Jaqueline. A cidade como documento no ensino de história. In: POSSAMAI, Zita Rosane (org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.
- GRUNBERG, Evelina. **Educação patrimonial: utilização dos bens como recursos educacionais**. Cadernos do CEOM, Chapecó: Argos, nº 12, p. 159-180, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007.
- MEDEIROS, Ricardo. **Um olhar sobre o patrimônio histórico-arquitetônico de Assú/RN: análise com base na percepção dos usuários e no ponto de vista técnico**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. Bassanezi. **O que e como ensinar?** Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 17-36.
- PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. **Política y Sociedad**. Madrid: n. 27, p. 63-76, 1998.
- SCHIAVON, Carmem G. Burgert. Patrimônio e desenvolvimento em debate: as atividades do programa de educação patrimonial da FURG. In: MAGALHÃES, Leandro Henrique; MORAES, Vanda de. (Orgs.). **A construção de políticas patrimoniais em cidades novas**. Londrina: UNIFIL, 2011.
- SCHIAVON, Carmem G. Burgert; SANTOS, Tiago Fonseca dos. **Patrimônio, ambiente e ensino em Rio Grande: elementos para interpretação e valorização de bens culturais**. v. 2. Rio Grande: FURG, 2013.